

59

Educação para o cidadão do novo século (1)

MOACYR DE GÓES

Os educadores, vez por outra, são acusados de chegar à História depois da hora. De trabalharem sobre fatos consumados. A escola está sempre defasada do mundo do trabalho, por exemplo. Propomos, então, uma reflexão com pretensões antecipatórias. Pelo menos tem esta boa intenção. Por questões técnicas o texto foi dividido em dois artigos.

É lição sabida que o novo não se constrói só e nem surge por passe de mágica. O novo nasce do arcaico, mas não repete o arcaico. O novo cria outros paradigmas, mas preserva do arcaico valores e práticas indispensáveis à construção da ponte para o futuro. A transição do velho para o novo é um processo. Em uma determinada hora os dois convivem lado a lado. Como numa corrida de bastão. Até que é chegado o momento em que o novo ganha velocidade e ocupa o palco da História e deste se retira o arcaico para desempenhar as funções de referência, de arquivo, de memória, de cultura. Esta concepção do processo histórico é uma norma que é visível até mesmo nos tensos momentos de ruptura.

Então, se queremos pensar o novo século, é preciso refletir que bagagens queremos levar para ele oriundas do velho século. É uma tarefa de tentar a separação do joio do trigo. É um momento de opções e, como tal, doloroso, pois implica preservar e carregar consigo uma parte enquanto a outra será deixada para trás. A herança preservada serão agregados novos paradigmas, novas utopias, novas formulações teóricas, sinalizações de novas práticas que deverão ser testadas e avaliadas na primeira oportunidade do novo milênio.

Nesse processo, uma permanência, uma constante, um fio de Ariadne, merece nossa atenção: a bipolar e tensa vocação para a preservação (o arcaico) e a transformação (o novo) da natureza e do homem.

É claro que esta não é uma visão maniqueísta. As conjunturas históricas e as infra-estruturas sociais estabelecidas se encarregarão de colocar sobre nossos ombros de caminhante algum joio. Isto, todavia, não invalida nossa vocação de ser fiel à utopia.

Nos limites de dois artigos fica difícil formular os critérios completos que nos levam a inventariar os valores que pretendemos preservar e carregar conosco para o novo século quando, então, lhes serão agregados novos paradigmas e, com esse amálgama, construir a educação do novo cidadão. Poderemos, todavia, correndo os riscos de omissões, tentar indicar um rol de alguns valores que emergiram na História e nos são caros. Por exemplo, e sem ordem de prioridades:

- Os princípios éticos da filosofia grega;
- O humanismo cristão;
- A questão da defesa dos direitos civis na independência americana;
- O perfil da cidadania nascido na Revolução Francesa, na luta pela liberdade;
- O ideário de igualdades e solidariedade da Revolução Soviética;
- Os postulados de justiça da descolonização de África e Ásia;
- A desmobilização do militarismo e o pacifismo;
- A mobilização, transformação social e resistência da Revolução Cubana.

Independentemente desses valores esculpidos em episódios históricos — situados e datados — permeiam a vida valores e concepções que, em algumas sociedades, já se incorporaram ao homem e suas lutas. Exemplos:

- A democracia como um bem em si mesmo;
- O Estado de bem-estar social;
- A erradicação da fome, das pragas, da mortalidade infantil, das doenças endêmicas e do analfabetismo;
- O direito à terra, ao trabalho, ao salário e à moradia;

- A seguridade social e o amparo à velhice;
- A democratização da cultura;
- A concepção de educação que reconhece o educando como sujeito do processo de ensino-aprendizagem e fundamenta sua prática no espírito crítico, dialógico, participativo e libertador;
- O acesso aos bens materiais e culturais;
- A defesa da natureza, do meio ambiente, da mulher, do negro e das minorias;
- O reconhecimento do outro, no respeito às suas diferenças;
- A conquista das oportunidades e da felicidade;

— A compaixão (valor maior do que aquele definido nos dicionários), pois é o sentimento de dor ao contemplar o Cristo Crucificado.

A listagem desses valores — conquistados e a conquistar — e, certamente, vários outros, é permeada pela generosidade do homem. Este acervo deverá chegar à escola do próximo milênio como a proposta do humanismo.

Na transição cronológica do século XX para o XXI, todavia, dois fatores estão interferindo nas previsibilidades possíveis

e, conseqüentemente, sobre o modelo de escola que teremos no futuro. Em primeiro lugar, a revolução científica e tecnológica. Em segundo, a frustração da não-construção do ideário de igualdade e solidariedade da Revolução de 1917.

A revolução científica e tecnológica colocará a sala de aula de cabeça para baixo. Hoje, em termos de informação, já se aprende mais fora da escola do que na sala de aula de ensino fundamental. O computador e a Internet desconhecem fronteiras; suas programações, seus bancos de dados e a liberdade de informações (desde que haja dinheiro para pagar os serviços) são capazes de definir pesquisas de laboratórios, criar bibliotecas, visualizar museus, processar os cálculos mais difíceis, concluir sinfonias inacabadas de gênios da música, reconstituir documentos etc. — enfim, são poderosos instrumentos à disposição da escola, desde que saibam ser usados. Por outro lado, a televisão com a capacidade de demonstração inédita (recentemente transformou em *videogame* os horrores da Guerra do Golfo, ao vivo, em cores e som), a TV, através da imagem, roubou ao professor seus momentos de magia na sala de aula ao transmitir ao

Cláudio Duarte

educando o saber historicamente acumulado. Hoje, no espetáculo teatral de motivação escolar da criança e do jovem, na sala de aula, os mágicos se chamam computador, Internet, CD-ROM, vídeo e TV. O professor ainda é (e será no próximo século) necessário no ensino-aprendizagem: ele opta pela programação, seleciona conteúdos, opera os aparelhos e, principalmente, usa a palavra ao discutir com espírito crítico o que está em pauta na sala de aula, promovendo, posteriormente, a necessária avaliação. O professor é, ainda, indispensável para estabelecer o convívio humano entre educador e educando, criar o clima de amizade e afeição entre pessoas, forjar o caráter do aluno e assentar os princípios da construção da cidadania. Assim, acredito que o professor ainda estará presente no processo ensino-aprendizagem no próximo século; a sala de aula, todavia, será qualquer coisa muito distante da classe de cuspe-e-giz da maioria das escolas brasileiras de hoje. Por isso é fundamental, hoje, preparar esse novo profissional de magistério que trabalhará nesse reino mágico da revolução científica e tecnológica.

O segundo fator que está interferindo nas previsibilidades de transição do século — e conseqüentemente no modelo da futura escola — é o adiamento da implantação de uma sociedade justa. Ao término da Segunda Guerra Mundial e quando da descolonização de África e Ásia, o capitalismo internacional ficou acuado em um terço do globo terrestre. E mais: internamente, o capitalismo teve que ceder a várias conquistas da classe trabalhadora. Em um determinado momento parecia que era chegado o amanhecer da sociedade justa.

Mas não foi isso o que ocorreu. O capitalismo retomou a iniciativa político-econômico-militar. Dos escombros da guerra fria nasceu a chamada Nova Ordem Mundial, que não traz nenhum compromisso com a Justiça. As chamadas classes subordinadas viraram, então, as legiões dos excluídos: expulsos da produção, do trabalho, do consumo e da cidadania.

Ora, sabemos que a escola é a sala de aula e seu entorno. O retardamento da conquista da sociedade justa está atrasando a implantação da escola sábia. É visível que a escola navega em turbulências. A revolução científica e tecnológica, se colocada a serviço da democratização do saber, poderá ajudar a escola a superar suas contradições de uma prática descolada do discurso.

Na segunda parte deste artigo iremos refletir sobre a globalização e o breve século XX, que já terminou, como ensina Hobsbawm.

MOACYR DE GÓES foi secretário de Educação no Rio (RJ) e em Natal (RN).

